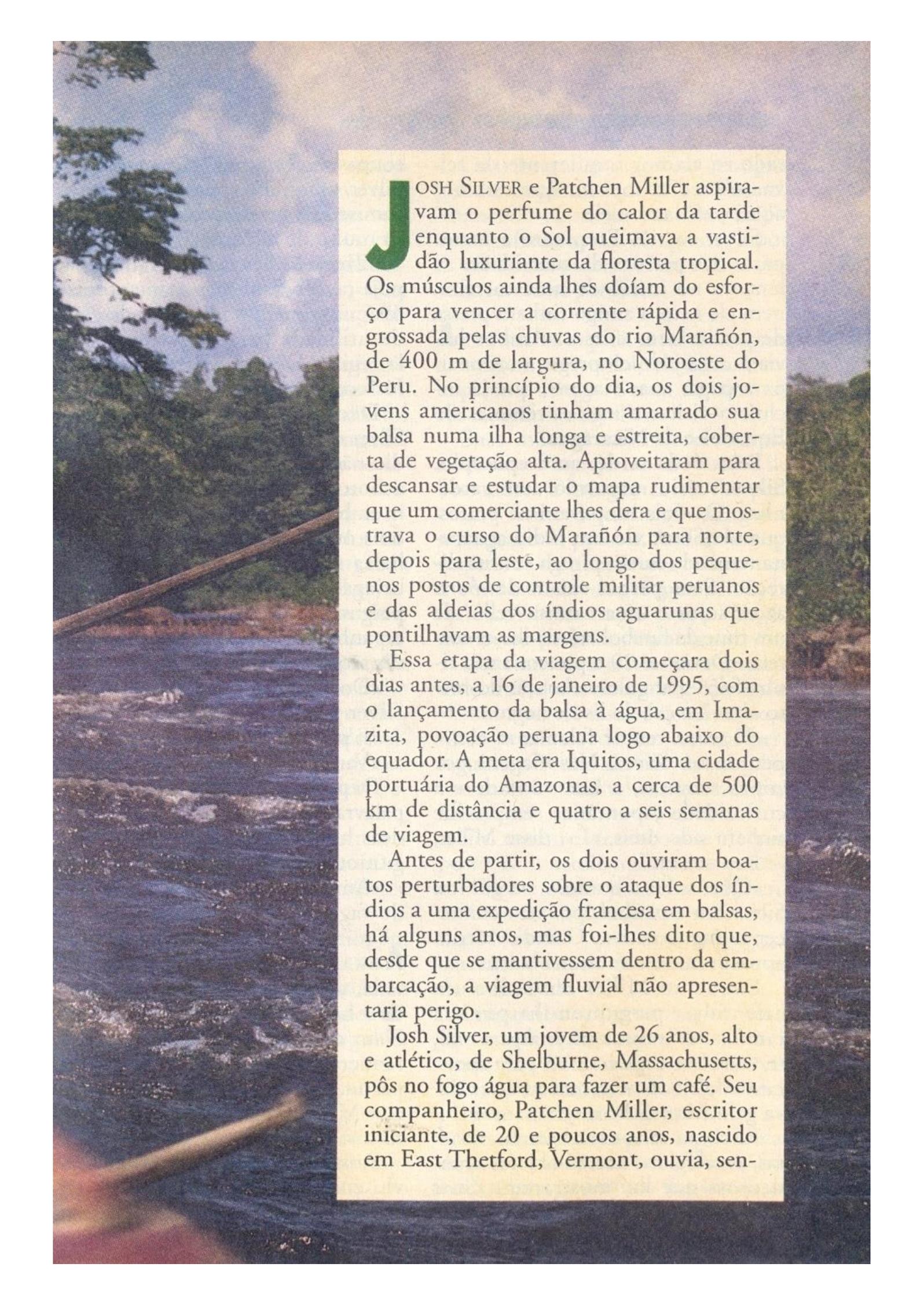
A photograph of a person in a green shirt and a wide-brimmed hat navigating a turbulent river in a raft. The person is leaning forward, holding a long wooden pole. The water is dark and turbulent with white foam. The background is a dense, lush green forest. The overall scene is dynamic and adventurous.

O jovem, aterrado, lutava para vencer a densa vegetação da selva. Os que tinham matado seu amigo vinham agora em seu encalço.

ACOSSADO COMO UM ANIMAL

BOB TREBILCOCK



JOSH SILVER e Patchen Miller aspiravam o perfume do calor da tarde enquanto o Sol queimava a vastidão luxuriante da floresta tropical. Os músculos ainda lhes doíam do esforço para vencer a corrente rápida e engrossada pelas chuvas do rio Marañón, de 400 m de largura, no Noroeste do Peru. No princípio do dia, os dois jovens americanos tinham amarrado sua balsa numa ilha longa e estreita, coberta de vegetação alta. Aproveitaram para descansar e estudar o mapa rudimentar que um comerciante lhes dera e que mostrava o curso do Marañón para norte, depois para leste, ao longo dos pequenos postos de controle militar peruanos e das aldeias dos índios aguarunas que pontilhavam as margens.

Essa etapa da viagem começara dois dias antes, a 16 de janeiro de 1995, com o lançamento da balsa à água, em Imazita, povoação peruana logo abaixo do equador. A meta era Iquitos, uma cidade portuária do Amazonas, a cerca de 500 km de distância e quatro a seis semanas de viagem.

Antes de partir, os dois ouviram boatos perturbadores sobre o ataque dos índios a uma expedição francesa em balsas, há alguns anos, mas foi-lhes dito que, desde que se mantivessem dentro da embarcação, a viagem fluvial não apresentaria perigo.

Josh Silver, um jovem de 26 anos, alto e atlético, de Shelburne, Massachusetts, pôs no fogo água para fazer um café. Seu companheiro, Patchen Miller, escritor iniciante, de 20 e poucos anos, nascido em East Thetford, Vermont, ouvia, sen-

tado, o clamor inquietante da selva. «Acredita mesmo que estamos aqui?», exclamou ele.

Silver sorriu. Enquanto a maior parte das pessoas de suas idades se lançava no início de uma carreira, nem ele nem o amigo tinham pressa de acabar seus cursos. Ambos haviam arranjado empregos ocasionais para pagar suas viagens, que já incluíam visitas a regiões remotas do Equador e da Nicarágua.

Pelas 6 da tarde, ao crepúsculo, Silver serviu macarrão com sardinhas. Os dois limpavam os pratos, quando Silver viu um índio aguaruna remando numa piroga em sua direção. Suas pernas saíam de *shorts* azuis sujos e uma camisa velha de um time de futebol cobria-lhe as costas. Devia ter 20 e poucos anos, tinha feições angulosas, maçãs do rosto altas e o cabelo liso e negro.

«E se eu tentar falar com ele?», perguntou Silver. Nas viagens por zonas remotas, a boa vontade e a curiosidade espontânea sempre lhe tinham sido úteis. «É», disse Miller, «é isso mesmo!»

«Quer subir a bordo?», perguntou Silver em espanhol, por não conhecer a língua nativa. O índio sorriu, aproximou-se e subiu na balsa.

Enquanto Miller servia-lhe um café, Silver perguntou-lhe por sua família. «Vivemos na margem, ali, indicou ele», apontando para montante do rio. E acrescentou que criava galinhas e cultivava bananas.

Fascinou-se com as baterias, canetas, o relógio e outros objetos «modernos» que lhe mostraram. «Suas

roupas são bonitas», comentou com Silver, admirando suas bermudas e a camiseta, e acrescentou que precisava muito de fósforos.

Silver e Miller trocaram um olhar, pois perceberam que os mantimentos que traziam podiam ser de grande utilidade para os povos daquela região. Deram algumas caixas de fósforos e velas ao visitante.

Decorreu mais de uma hora e Silver começou a estranhar que o índio não fizesse tensão de partir, mas achou indelicado pedir-lhe para se ir embora. Por volta das 8 da noite, dois outros aguarunas abordaram a balsa numa piroga. Pareciam embriagados. O mais velho dos dois perguntou a Silver e a Miller, num espanhol arrevesado: «De onde vocês são?»

«Dos Estados Unidos», respondeu Silver.

«E para onde vão?»

«Vamos descer o rio.»

Depois de terem trocado umas palavras com o índio mais jovem, os dois homens partiram. Silver perguntou-lhes quem eram.

«Amigos», respondeu ele de modo vago.

A ESCURIDÃO da noite era apenas cortada, de tempos em tempos, quando a Lua furava o manto de nuvens. Nem quando Miller e Silver se estenderam nos colchões o aguaruna partiu. «Que vamos fazer?», sussurrou Miller. «Não quero suscetibilizá-lo».

Passou mais uma hora. Silver ouviu então um som de remos. Eram

os dois índios que já tinham estado com eles e que, após uma breve troca de palavras com o aguaruna, voltaram a desaparecer.

Pouco depois, uma espécie de susurro propagou-se pela ilha. «Que está acontecendo?», perguntou Miller.

«Meus amigos querem conhecê-lo», respondeu o índio, nervoso.

Miller agarrou uma lanterna e foi para a parte da frente da jangada. No momento em que Silver se levantou para cumprimentar os visitantes, a luz de Miller varreu a margem da ilha e iluminou um dos índios, de pé, com uma espingarda apontada. «Não!», gritou Miller.

Uma explosão rasgou a noite. Instintivamente, Silver atirou-se na cobertura e protegeu a cabeça. Quando olhou para cima, viu o jovem índio estarecido. Miller desaparecera. Silver engatinhou para a frente da balsa, tateando à procura do amigo, mas só viu bolhas de ar na água à luz tremeluzente da Lua.

Em estado de choque, voltou e agarrou o aguaruna pela camisa. «Onde está o Patchen?», gritou. «Onde está meu amigo?»

«Não sei», respondeu o índio, em pânico, tentando se libertar.

Um segundo depois, novo clarão explosivo e Silver sentiu um calor dilacerante na perna. «Fui atingido», percebeu ele, estupefato.

Mergulhou então no rio e começou a nadar para a margem, a cerca de 200 m. Ouvia os índios gritarem uns para os outros e receava que viessem atrás de si.

Com braçadas vigorosas na água gelada, implorou que não o vissem. Tremendo de medo e revolta, analisou seu ferimento e obrigou-se a pôr as idéias em ordem. «Pense com clareza ou estará perdido.»

A CORRENTE rápida arrastou-o para a margem norte. Lá, ele tentou recuperar o fôlego. Ouvia de novo tiros e confusão na ilha.

Suas mãos tremiam e ele sentia as pernas fraquejarem. Só estava de bermudas. O sangue corria-lhe pela coxa. «Tenho de estancar o sangue e me aquecer!», pensou. Arrancou uma trepadeira de uma árvore e amarrou-a com um nó duplo por cima da ferida. A hemorragia parou. «Se ao menos eu pudesse descansar!»

Continuava a ouvir uma gritaria indecifrável do outro lado da água. «Estão atrás de mim», calculou, sentindo o pânico de um animal perseguido. «Tenho de sair daqui. Não vou morrer nesta selva esquecida por Deus!»

De repente, lembrou-se de um posto de controle militar em que ele e Miller haviam parado no dia anterior, a cerca de 6,5 km subindo o rio. «Mas não posso nadar contra a corrente», deu-se ele conta. «Vou ter de ir andando.»

Lentamente, percorreu o caminho em direção a oeste, com o rio à esquerda. Ao avistar pontinhos de luz na ilha, tentou vencer de novo o pânico. «Estão atrás de mim!»

Não havia pista para seguir e cada passo constituía um esforço. Silver andava às tontas, afastando as

lianas enredadas que pendiam dos troncos das árvores, 1,5 m acima dele, numa escuridão quase total. Tinha de conter os gritos, embora espinhos lhe rasgassem as costas, os ombros e os tornozelos.

De repente, 100 m a montante, começou a escorregar por uma encosta. Três metros abaixo, um braço de rio desaguava no Marañón. Cuidadosamente, ele lançou-se à corrente forte e atravessou-o.

Passou a vau mais dois riozinhos. Trêmulo de frio, via através da folhagem que o cercava pontos de luz na ilha. Por seus cálculos, nem uma hora decorrera desde que fora atingido e tinha percorrido menos de 800 m. A esse ritmo, levaria a noite toda para chegar ao posto de controle. «Continue a andar», incitava-se ele. «Você vai conseguir!»

O TERRENO começou a se elevar, dificultando ainda mais cada passo. Ofegante, Silver bateu em outra massa de cipós. Frustrado e cheio de raiva, afastou-os e investiu para uma clareira.

A menos de 12 m, um feixe de luz penetrou a vegetação densa. Silver temeu pelo pior. De costas para ele, um aguaruna, com uma espingarda debaixo do braço, olhava a confusão que ia pela ilha. O índio podia voltar-se a qualquer momento e dar com ele, mas era preciso aproveitar aquela oportunidade. Silver esgueirou-se para a selva, sempre atento para ver se estava sendo seguido.

Depois, correu para a margem do

rio, até reparar numa espécie de buraco na vegetação. Esfregou lama no corpo, escondeu-se ali e esperou, completamente imóvel.

Minutos depois, ouviu um farfalhar. Um vulto grande — homem ou animal — deslocava-se lentamente pela mata. Após o que lhe pareceu uma infinidade de tempo, o som diminuiu e afastou-se.

Embrenhou-se então ainda mais na mata, até atingir uma trilha de terra batida. «Até que enfim vou conseguir sair desta maldita selva!», pensou ele.

Depois de ter dado alguns passos, percebeu, porém, que cometera um erro crasso. «Se posso caminhar facilmente por aqui, eles também.» Correu cerca de 15 m para fora da trilha, deitou-se e cobriu-se com samambaias.

Pouco depois, uma luz varreu o caminho onde estivera pouco antes. Ouviu passos e susteve a respiração até eles se afastarem.

Permaneceu naquele esconderijo cerca de uma hora. Ao pensar em Patchen, quase começou a chorar, mas procurou conter-se. Se queria escapar, precisava de pensamentos positivos e manter-se alerta. Uma certeza ele tinha: nessa noite, não conseguiria fazer o caminho até o posto e à luz do dia seria demasiado perigoso.

Até que se lembrou do mapa. Havia outro controle militar descendo o rio, em Oracuzá. Silver não fazia a menor idéia da distância a que se encontrava dele, mas calculou que devia ser mais rápido flu-

tuar na corrente do que debater-se com a selva, caminhando contra o fluxo do rio. E talvez despistasse os perseguidores.

Cautelosamente, voltou a entrar nas águas e começou a nadar a favor da corrente. A princípio, o exercício aqueceu-o, mas a água fria não tardou a deixá-lo exausto. Se não parasse depressa, os músculos paralisariam e ele correria o risco de se afogar.

Um quilômetro e meio para jusante, avistou uma clareira na selva. Tremendo, arrastou-se para a margem e rastejou para baixo de uma palmeira de 1,5 m de altura e ali esperou pela manhã. A perna ferida estava em carne viva, mas a hemorragia era ligeira. No entanto, ele se preocupava com a desidratação. Embora não bebesse há várias horas, não se atrevera a fazê-lo da água lamacenta do rio. As opções eram limitadas, mas ele precisava arranjar algum líquido potável de qualquer forma. Pôs as mãos em concha, urinou e obrigou-se a beber o líquido quente. Formigas subiam por seu corpo e picavam-lhe as costas e as pernas.

Pela primeira vez desde que fora atingido, deixou-se abater pelo horror do que se tinha passado. «Patchen deve estar morto e eu vou ser caçado como um animal», pensou. Dominado por um sentimento intenso de destruição e de perda de inocência, pareceu-lhe que o mundo de repente se tornara num lugar terrível. «Em que estaríamos nós pensando quando resolvemos co-

nhecer este mundo diferente?» Já mais se sentira tão só na vida.

AO ROMPER do dia, Silver meteu-se de novo na água e nadou com a corrente. Cerca de 1,5 km depois, avistou um índio na margem. «E se eu lhe pedisse ajuda?» Primeiro, o instinto lhe disse que não o fizesse. Depois, reconsiderou. Enfraquecido pela perda de sangue, não podia manter-se à tona por muito mais tempo. «Tenho de experimentar se se trata de alguém amigável», resolveu ele, nadando para a margem.

O índio, surpreendido, olhou para o homem branco quase nu que surgia a seu lado. «Preciso de ajuda, senhor», disse Silver em espanhol.

Como suas bermudas tapavam a ulceração, o índio não percebeu que ele estava ferido. Sorrindo, fez menção de se dirigir para a cabana coberta de palha. «Venha. Vai conhecer a minha família.»

«Você não está entendendo», suplicou Silver. «Um amigo meu morreu. Fui atingido por um tiro. Preciso que me ajude a chegar ao posto militar.»

«Desço o rio com você.»

Antes de partir, o aguaruna deu uma camisa limpa e seca a Silver — uma extravagância numa das regiões mais pobres do planeta — e em seguida conduziu-o solenemente rio abaixo até o posto militar.

Em Oracuza, dois militares peruanos ajudaram o rapaz a sair da canoa. Um oficial que se lhes juntou perguntou em espanhol: «Que aconteceu?»

«Meu amigo e eu fomos baleados», desabafou Silver, com os olhos rasos d'água.

«Levem-no para a enfermaria», ordenou o oficial aos dois soldados.

Silver continuou a chorar, dando largas à emoção contida durante a noite anterior. «Estou salvo», pensou ele. «Estou salvo, finalmente!»

Depois de se ter recuperado do ferimento num hospital local, Silver foi in-

terrogado na embaixada americana em Lima. A 26 de janeiro, apoiado em muletas, chegou a Hartford, no Connecticut, onde foi recebido pela família.

O corpo de Patchen Miller nunca foi encontrado. Poucos dias depois do incidente, estourou a guerra de fronteiras entre o Equador e o Peru, o que impediu a investigação por cerca de seis meses. A polícia peruana mantém atualmente sob prisão três aguarunas ligados ao assassinato de Miller.

FOTO: © DE CHIP E ROSA MARIA DE LA CUEVA PETERSON



Novo em folha

A FIRMA japonesa Ricoh criou aquilo que poderá ser designado como uma máquina antifotocópias, uma máquina que engole papel usado e o devolve 20 segundos depois sem quaisquer traços de impressão.

Como funciona? Quando colocamos uma folha de papel numa máquina de fotocópias normal, o papel recebe uma carga elétrica que permite que o texto original possa ser impresso. As marcas de cada letra são cobertas com tinta em pó e rolos aquecidos fundem-na nas fibras do papel.

A máquina antifotocopiadora funciona ao contrário: o calor e a pressão separam a tinta em pó, que é então removida através de um rolo. Cada folha de papel pode ser utilizada de novo 10 vezes, permitindo uma poupança de 90% na aquisição de papel novo ou reciclado. A máquina pode remover caracteres impressos a *laser*, em fotocópia ou fax. A Ricoh espera comercializar esta máquina dentro de dois anos.

— Giles Parent, em *Québec Science*, Canadá

Banho de imaginação

LEÕES-MARINHOS lançando-se para fora da água como barras de sabão automotoras.

— Jon Hahn, em *Post-Intelligencer*, Seattle

CROCODILOS respirando como mergulhadores no pântano.

— James McLaughlin

TARTARUGAS-BEBÊS com roupas cheias de botões verdes e amarelos brilhantes.

— Gerald Durrell